

PAULO ARGIMIRO DA SILVEIRA FILHO

MEMORIAL

Apresentado à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo para obtenção do Título de
Livre-Docente em Sociologia.

SÃO PAULO
1991

Escrever um pouco sobre a própria carreira universitária, isto é, na primeira pessoa, e sem que isso resvale, por exemplo, num comentário descritivo do currículo não é muito fácil. É preciso *discernir* entre seus aspectos *objetivos e subjetivos*, sem, no entanto, deixar de articulá-los.

Se se enfatiza a dimensão *objetiva*, corre-se o risco de considerar o que lhe é próprio, de outro. Se ao contrário, se se fixa na dimensão *subjetiva*, o memorial transforma-se numa auto-análise, que, além de insuficiente como análise, estaria deslocada.

Imaginei que uma maneira de enfrentar tais dificuldades fosse refletir um pouco sobre as *inflexões* de minha carreira. Contudo, como são *inflexões* de *minha* carreira, uma ênfase *subjetiva* fica muito fácil de vir à tona, mormente por que subjetivamente considero a última *inflexão*, de longe, a mais importante: a mais marcante.

Mas como poucas vezes se tem a oportunidade de se escrever sobre a própria história, mesmo que seja de uma perspectiva unilateral, como o é uma história profissional, aceito correr o risco de uma certa subjetivação e, para tanto, trabalhar sobre aquelas *inflexões*.

Meu ingresso na Universidade, por certo, não é uma *inflexão* em minha carreira acadêmica, contudo é uma *inflexão* em minha vida profissional.

Antes de ingressar na universidade fiz uma carreira, ou melhor, meia-carreira, como oficial da Polícia Militar, tendo pedido demissão no posto de capitão. Ali exerci durante dez anos, dos meus doze como oficial, atividades na área da seleção de pessoal, fundamentalmente na aplicação e avaliação dos chamados testes psicológicos para os quais fui amplamente treinado. Simultaneamente exerci atividades, naquela organização, no campo do ensino,

especialmente após 1968, que foi o ano em que me bacharelei em Ciências Sociais. Fui professor da Escola de Formação de Oficiais, da Escola de Educação Física, que é uma escola para oficiais e que tem em seu currículo algumas disciplinas teóricas, e do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, que é uma espécie de curso de estado-maior.

Minha formação anterior à de bacharel em Ciências Sociais, e após o curso de oficiais, resumiu-se a uma dezena de cursos especializados em psicologia aplicada, entre os quais um de um ano no Rio de Janeiro com o Prof. Mira y Lopes. E também a participação, no que se poderia considerar hoje, num grupo de estudos. Os estudos desenvolvidos por esse grupo eram também mais ou menos especializados, pois se havia escolhido trabalhar e discutir os textos de um único autor, que, talvez não por coincidência, veio a ser o autor cujos textos mais trabalhei em minha carreira universitária.

Trago isso menos pelo gosto da descrição, mas para fazer notar que uma conjuntura política produz efeitos teóricos que extravazam o campo estritamente acadêmico. Antes de me convidarem a que eu deixasse meu lugar de professor no curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, os alunos desse curso me apelidaram de "Gunder", que era uma referência a um autor norte-americano, cujas teorias sobre o capitalismo e o subdesenvolvimento, eram discutidas, por aquela época, em vários círculos, não apenas os acadêmicos.

E antes que me fizessem mais convites, tive a oportunidade, graças à generosidade de alguns colegas e a meu próprio empenho, de me transferir para a Universidade e iniciar minha carreira acadêmica. Este foi sem dúvida um passo fundamental em minha vida profissional.

...o0o...

Iniciei minhas atividades de professor universitário na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara em 1972. E não muito tempo depois, ainda uma vez em virtude da conjuntura política desfavorável, em que se tremia por qualquer portaria reitoral, fui convidado pelo diretor da Faculdade a pedir demissão. Desta vez declinei do convite, já que o diretor tinha em suas mãos os meios necessários para exercer sua vontade, sem que precisasse de minha aquiescência. Alguns poucos colegas apoiaram-me decididamente nesse episódio; o apoio entusiástico e mesmo dramático da profa. Helleieth Safiotti foi fundamental.

Ainda como professor da Faculdade de Filosofia de Araraquara, em dezembro de 1974, apresentei e defendi minha tese de doutorado. Esta foi sem dúvida a primeira inflexão importante em minha carreira acadêmica.

Tive, então, a oportunidade de fazer o estudo mais sério que já havia realizado. Escolhi para isso a obra do filósofo francês Louis Althusser, cujo impacto e importância também não podem ser desligados da conjuntura dos anos 70.

Esta tese já indicava uma certa "vocação" que tenho pelas questões teóricas, o que não quer dizer capacidade.

Para realizar esse trabalho contei com a colaboração de vários colegas e com a enorme generosidade da profa. Marilena Chauí que foi uma espécie de co-orientadora. Para a defesa da tese, o prof. Gabriel Cohn, ao qual várias oportunidades efetivas de minha carreira acadêmica estão inextricavelmente ligadas, foi de uma generosidade inestimável. Ele simplesmente substituiu o orientador, que, por estar fora do Brasil, não pôde comparecer à sessão de defesa. Ao prof. Gabriel sobrou a difícilíssima incumbência de ser o orientador substituto de uma tese que mal conhecia, e envolvia não apenas questões polêmicas referentes ao tema e a minha posição diante dele, como questões

referentes à qualidade desse trabalho que era apresentado como doutorado sem que eu tivesse feito o mestrado.

Hoje, retrospectivamente, não gosto desse trabalho por várias razões, que vão desde o conteúdo até o estilo. Mas creio também que, apesar das duras objeções que recebeu da comissão examinadora, foi uma tese e uma defesa válidas como um doutorado, fundamentalmente pelo debate que suscitou e que pude sustentar.

Se a escolha do tema do doutorado esteve muito marcada pela conjuntura, não foram menos importantes para essa decisão, os debates frequentes, calorosos e estimulantes que tive a oportunidade de realizar com o prof. Luís Pereira, que era, então, um entusiasta da contribuição de L. Althusser. A ele devo, não apenas um forte estímulo para que eu pudesse desenvolver minha "vocação" teórica, mas à criação mesmo de oportunidades efetivas para que eu pudesse fazer uma carreira acadêmica. Sem a generosidade do prof. Luís Pereira, na melhor das hipóteses, eu seria hoje um "marajá" de pijama.

A Tese

A intenção desse trabalho era a de criticar, o mais radicalmente possível, a leitura estrutural que Althusser fizera dos textos de Marx. Ela própria inserida num contexto mais amplo do debate, que se travava especialmente na França em torno das concepções de Lévi-Strauss, Foucault, Lacan, etc.

Naquela época recusava-me a pensar os sujeitos, individuais, ou coletivos, como simples *efeitos* das estruturas. Creio, hoje, que essa sintetização altamente simplificadora esteve na base de meu projeto de crítica a Althusser. E, sem o saber, coloquei-me ao lado de um historicismo fortemente teleológico, que, diversamente daquele pensamento, faz intervir a questão do sujeito, mas ao

mesmo tempo em que a anula, na medida em que o coloca na dependência da crença e da fé.

Com isso, quero dizer também, que naquele trabalho, substituí as condições de preparo e de aprofundamento necessários, pelas *certezas* que advinham de uma *crença* num sujeito histórico. *Do lado da história* foi como chamei aquele trabalho; uma história efetiva permaneceu alhures. A meu favor, apenas a idéia de que muitos de nossos trabalhos são igualmente movidos por algum tipo de crença, e que, aquela experiência, foi válida para minha formação e, conseqüentemente, para meus estudos posteriores.

...o0o...

Em 1975 ingressei por concurso, mas também contando com a generosidade da banca examinadora, no, então, Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. No início do ano letivo seguinte fui contratado no regime de tempo parcial. Como não consegui, na Faculdade de Filosofia de Araraquara, transferir-me para o regime de turno completo, que me possibilitaria a acumulação, optei por me desligar dessa Faculdade onde comecei minha carreira acadêmica.

Não tendo condições de sobrevivência mínima com o salário que correspondia ao regime de tempo parcial, acabei por obter um lugar no Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

Em dezembro de 1977 meu contrato com a Universidade de São Paulo foi alterado, passando para o regime de tempo integral. Desliguei-me da Universidade de Campinas e encerrei minha carreira de professor itinerante.

A partir de 1978 comecei a estudar para a preparação de meu primeiro curso de pós-graduação. Esses estudos me entusiasmaram de tal maneira que

comecei a projetar uma sistematização escrita de seus resultados. Pouco depois imaginei que o resultado desse trabalho poderia ser apresentado como tese de livre-docência.

Meu interesse nessa época era com o estudo da questão dos "modos de produção", o que me propiciou uma leitura - além dos textos que tratavam da questão - mais sistemática dos textos de Marx da maturidade, principalmente os três tomos d'*O Capital*.

Mas não poderia deixar de registrar a influência de dois textos dessa época, que ainda hoje, quando meus interesses e preocupações intelectuais estão afastados desse tema, considero como marcos dentre os estudos sociais politicamente engajados: *A Revolução Burguesa no Brasil* de Florestan Fernandes e *A Escravidão Colonial* de Jacob Gorender.

Meus estudos desse período tinham um objetivo tão pretencioso quanto o anterior (sobre Althusser), eu almejava descobrir a sociabilidade que deveria corresponder às categorias econômicas que presumia que eram, ao mesmo tempo, mais estruturantes, mais determinantes de certos períodos históricos. No fundo, a pretensão era a de *demonstrar* a vigência do capitalismo sob o regime de trabalho escravo, tese que muitos já haviam defendido, ainda que, a meu juízo, mais política do que cientificamente. Era também um diálogo com as teses de Gorender.

A idéia central desse trabalho era estudar o escravo como *mercadoria*, como força de trabalho, valendo-me dos modelos de formação do valor e dos preços de produção d'*O Capital*. Os esquemas mais ousados que conhecia consideravam o escravo como *capital fixo*. Nos esquemas que imaginei considerava o escravo, ao mesmo tempo, como *capital fixo* e como capital "*variável*", condição essencial para se pensar o excedente econômico produzido como *mais-valia*. Para isso julgava que os custos de manutenção e de reprodução

do escravo guardavam certa relação com o salário do trabalhador livre, e não podiam ser confundidas com o chamado desgaste do capital fixo, que para mim deveriam corresponder ao tempo de vida útil do escravo. Enfim, como os custos reais que estavam em jogo eram verificáveis, pretendia daí deduzir uma taxa de mais-valia de uma produção capitalista sob o regime de trabalho escravo, para compará-la a uma presumível taxa de mais-valia para o mesmo tipo de produção sob o regime de trabalho livre. E a partir daí tentar compreender certas inflexões históricas importantes ao nível nacional e mundial. Haja pretensão!

Pelos idos de 1985 abandonei definitivamente esse projeto e joguei fora o que havia escrito. O único subproduto que restou desse período é um artigo denominado "O imperialismo e a troca desigual", que, apesar de seu viés extremamente economicista, considero um trabalho razoavelmente bem feito.

A não ser por um processo inequívoco de racionalização, não tenho condições para explicar essa desistência.

Retrospectivamente, posso dizer que foi um prenúncio de uma forte guinada em meus interesses e preocupações intelectuais. Já no segundo semestre de 85, assistia como ouvinte um curso de pós-graduação na área da psicanálise: nada tão distante dos interesses que tivera há tão pouco tempo!

...o0o...

A partir de 1986, os alunos do programa de pós-graduação em sociologia, que estavam sob minha orientação, começaram a produzir suas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Tive a oportunidade até agora de levar para defesa como orientador, três doutorados e quatro mestrados.

Não creio que nessa importante atividade tenha me saído bem. Não soube *relacionar*, numa medida que seria, em meu entender, razoável, a

liberdade que julgo imprescindível da escolha temática e do desenvolvimento do trabalho, às *exigências* requeridas pelo doutorado e pelo mestrado.

Quanto às exigências, salvo num desses casos, fui um orientador omissivo. E se alguns desses trabalhos têm um valor efetivo, isso ficou por conta exclusiva de meus orientados. O nível dos trabalhos eu resguardava, um tanto marotamente, contando com a colaboração, na banca examinadora, de uma amiga que considero bastante exigente, e que não arreda o pé um nadinha das notas econômicas e, por isso, pouco generosas que costuma dar. Não posso deixar de agradecer, em meu nome, e no do programa de pós-graduação de sociologia, a profa. Maria Tereza Sadek por sua enorme generosidade por ter participado de diversas bancas examinadoras de meus orientandos.⁽¹⁾

No que concerne à escolha dos temas e do percurso em que encaminhavam suas investigações, meus orientandos tiveram a mais ampla e completa liberdade. Durante essas investigações, uma eventual colaboração de minha parte, que podia resultar das discussões que tínhamos, era ou não incorporada a esses trabalhos segundo o absoluto arbítrio dos orientandos, salvo no caso de erros ou enganos dos mais conspícuos.

Em compensação fiquei, por vários momentos nesses anos, privado da liberdade de escolher *o que* ler e *quando* ler. Vi-me, às voltas, com temas e abordagens que, muitas vezes, estavam muito longe de meus interesses e preocupações.

Por ter chegado à convicção de que não exerço bem a atividade de orientação e nem mesmo possuo a generosidade que ela requer, e que é própria a tantos outros colegas, desisti de exercê-la.

⁽¹⁾ E um deles conseguiu ficar com média dez no doutorado! Trata-se de Ricardo Luiz Coltro Antunes, hoje professor da área de Sociologia do Trabalho na UNICAMP, que na ocasião apresentou um bonito e polêmico trabalho sobre as greves do ABC paulista nos anos de 78, 79 e 80.

Às vezes penso, para me defender dessa falha grave, que os orientandos, por mais adultos que sejam, passam na fase de elaboração de suas teses por uma espécie de regressão psíquica: exigem a presença permanente de um pai rigoroso e, ao mesmo tempo, o recusam veementemente: ao orientador resta um exercício frustrado de representar a lei.

Mas esta é apenas uma defesa.

...o0o...

1986: uma pequena viagem a Havana

Considero que um momento de inflexão numa carreira acadêmica é algo de natureza intelectual, de natureza teórica, algo, portanto, da ordem da razão. Mas estou convencido também, pelo menos no meu caso, que uma inflexão dessa natureza não é senão o *efeito* de "razões" mais profundas, digamos, "extra-teóricas".

É claro que poderia, num esforço de racionalização, separar, como talvez fosse de bom-tom, o efeito da causa. Mas não seria esse esforço racionalizante um exercício de autoviolência? E não fazê-lo: seria uma violência dirigida à comissão examinadora que lê este memorial? Com essas questões, vou tentar ficar com o bom-senso: racionalizar... nas nem tanto. Quer dizer, o significado da "viagem" pode deslizar de sentido.

Como tantos outros de minha geração, para mim, a revolução cubana foi objeto de uma *idealização* praticamente *maciça*. Só na prática descobri que os ideais têm peso, isto é, são *maciços* mesmo. Para mim, os primeiros efeitos de sua demolição foram no *corpo*: nas *pernas*, mas também na *fala*.

Foi com essa *idealização* que cheguei em Cuba no fim de junho de 86.

Fui para lá mais assistir do que participar, de um congresso que reunia psicanalistas latino-americanos e psicólogos cubanos. Encontro, dizia o nome do congresso, entre a psicanálise e a psicologia marxista (sic!). (Não posso deixar de agradecer o psicanalista Fábio Landa, hoje meu amigo, a generosidade do convite que me fez para participar desse congresso).

Minha primeira impressão de Havana é que ela havia parado em 1960. Se fosse uma mulher teria lhe convidado incontinenti para dançar um bolero; não me desagradam os bandeides no calcanhar.

Ela me atraiu fortemente, mas não me apaixonei. Em matéria de paixão sou muito fiel. E pelas cidades, tenho uma muito antiga, por aquela que Gil diz que é adornada por bijuterias feitas por Deus.

Pois bem, eu que andava interessado pela psicanálise - e do marxismo nem vos falo! -, me sentia como um peixe dentro d'água.

O congresso organizou-se basicamente em torno de dois tipos de atividades.

No início das manhãs e das tardes realizavam-se as chamadas sessões solenes, às quais todos os participantes do congresso deveriam assistir.

Nessas sessões falavam seis convidados: três psicólogos marxistas, isto é, cubanos, e três psicanalistas latino-americanos (isto é, não cubanos).

A outra atividade realizava-se depois dessas sessões solenes. Ela consistia na discussão de um temário mais ou menos livre, no interior de grupos de mais ou menos 25 pessoas, previamente formados por critério aleatório. É óbvio que deveriam contar com a presença de psicólogos marxistas (isto é, cubanos).

Compareci a todas essas atividades, embora as dos últimos dias tivessem me custado um esforço grande para cumprir a pequena caminhada "a pé" entre o hotel em que estava e a universidade; por esses dias já andava mal das pernas.

Na primeira das sessões solenes, os três psicólogos marxistas que foram convidados eram sujeitos mais titulados, mais antigos, mais maduros, pois falaram dos *fundamentos* da psicologia marxista. Aprendi, então, como se insere esse campo particular do conhecimento no interior da filosofia e da ciência marxista-leninista. Uma pérola! Não de Deus, que só faz bijuterias.

Notei que esses ilustres fundamentalistas liam textos que haviam trazido; não havia a improvisação de nenhuma palavra. Depois descobri que para os cubanos nenhuma improvisação é própria às sessões solenes.

Imaginei ainda que aquelas pérolas deveriam ser próprias à 1^a sessão: da solenidade que lhe era devida. Doce ilusão! Ofereceram-me um colar de pérolas: nenhuma falsa. Sim, porque a esse nível só se trabalha com que é verdadeiro.

Mas havia também as sessões dos grupos. O grupo do qual participava era constituído por uns oito psicólogos marxistas, cubanos naturalmente, e psicanalistas brasileiros e argentinos. Dentre estes últimos uns cinco estavam ainda no exílio. (Duas exceções: um velho médico psiquiatra cubano, que certamente não era um psicólogo marxista, pois dizia que ainda fazia um pouco de psicanálise; é verdade que "curta", dizia ele: no máximo sete sessões; a outra exceção era este sociólogo, que, como tal, recusou-se a falar: falar o quê?).

Essas sessões em que "participei" duraram mais ou menos 20 horas. De discussão *maciça*. Se os ideais são maciços, como verdades, eles são pérolas, ou melhor, são de ouro: inquebrantáveis.

Mas talvez, mais do que com essas pérolas, eu tenha me sensibilizado mais com o escárnio dirigido aos psicanalistas argentinos exilados, que malucamente tentavam retirar de suas cabeças as coroas de espinho de ferro que os psicólogos cubanos haviam colocado. Imaginavam esses argentinos malucos, que o fato de terem combatido a ditadura militar em seus país, e por isso terem sido perseguidos, lhes dava o direito de não serem considerados portadores do vírus que é próprio aos pequeno-burgueses. Gastaram, em vão, a *ideologia* do velho Freud! Batalha perdida. Os cubanos estavam muito bem armados; tinham de seu lado a *ciência* e seus santos: Stálin, Lênin *et caterva*. E por trás deles um verdadeiro deus. Será que o velho Marx almejava tanto!

Ainda hoje me pergunto seriamente: será que uma distribuição mais ou menos razoável da renda nacional, que é o que efetivamente acontece em Cuba, precisa custar tal preço? Lá a distribuição da renda é absolutamente incomparável com a que existe por aqui; isso tem implicações profundas para milhões de pessoas: saúde, "educação", mas, principalmente, moradia e alimentação. Ou será ainda, que apenas quando se está debaixo de um teto e de estômago forrado é que se pode dar o devido valor à alienação do pensamento? Será que o pensamento concerne apenas a nós, pequeno-burgueses?

São dilemas, imagino, que só a história pode responder.

No que me concerne, abrigado ou não, de estômago cheio ou não, pretendo permanecer contra qualquer tipo de alienação. (E me desculpem o desabafo).

...o0o...

Esse momento de inflexão, que acabo de lhes relatar, não foi diretamente um momento de inflexão em minha carreira acadêmica, mas tendo sido muito

mais do que isso, ela já carregava as marcas de duas outras inflexões, estas sim da carreira, que ainda deveriam advir.

A primeira delas diz respeito a minha posição como professor.

Ainda antes que o ano de 86 terminasse preparei um pequeno curso, não de sete sessões como a análise daquele velho médico cubano, mas de cinco sessões como o número de sessões daquele congresso. Nele eu iria discutir um aspecto da obra de Marx, que os psicólogos marxistas não devem ter passado por ele e se passaram, não entenderam nada: a alienação, a coisificação das relações sociais e o fetichismo.

Desse pequeno curso resultou um texto, que lhes apresento no conjunto que substitui a tese de livre-docência. Chama-se, "Da alienação ao fetichismo: formas de subjetivação e de objetivação". Ele saiu publicado numa coletânea que organizei e que inclui quatro artigos de autores franceses e outro de um argentino. Só agora compreendo meu forte empenho em colocar o texto do psicanalista argentino León Rozitchner nessa coletânea: além da alta qualidade de seus textos, ele foi um dos argentinos escarnecidos pelos psicólogos cubanos.

Na época em que começava a escrever aquele texto, assisti um bonito filme franco-argentino, chamado "Tangos: o exílio de Gardel". Neste, ouvi pela primeira vez a palavra "tanguédia", que suponho se referir ao fundo mesmo do filme: o de transformar o drama, a tragédia do exílio em tango. Imaginei, então, poder escrever aquele texto como uma "tanguédia", isto é, transformar pelo estilo, a brutal realidade da alienação, da coisificação e do fetichismo. Claro que não consegui. Quem sabe minha alma boêmia ainda possa vir a habitar outros textos que venha a escrever? Vale aqui o registro desse desejo.

Mas já a partir de dezembro de 86 comecei a viajar com meu pequeno curso. Já fomos juntos a Maringá, Londrina, Araraquara, Maceió, Fortaleza,

Vitória e Salvador. Espero esse ano levá-lo ao Rio; é lá que estão as bijuterias feitas por Deus.

Não posso deixar de registrar que tive a oportunidade, em São Paulo, de apresentar e discutir esse curso com dois grupos diferentes de psicanalistas, graças a meus amigos Fábio Landa e Manoel Berlinck.

Proselitismo itinerante? Creio que não. Ao contrário, considero que aí está outra inflexão em minha carreira.

Se nesses caminhos levava alguma verdade comigo, essa verdade era a da alienação: a minha e a dos que me ouviam. Mas isso eu não precisava lhes dizer, eles já sabiam: bastava que lembrassem. E cada sujeito lembra o que pode e o que quer: o "professor" só dá a partida, depois jogam todos. Hoje, só esse tipo de "magistério" me interessa. Creio que ainda tenho muito a aprender com essa experiência, mas, de certo modo, já me considero professor. Foi também por isso que me candidatei à livre-docência, que, como se sabe, é coisa para professor.

...o0o...

A última inflexão em minha carreira acadêmica, quer dizer, a mais atual, que, certamente, também está relacionada com aquela viagem a Cuba, é o meu rompimento, minha *separação* do marxismo. *Se-parire* escreveu Lacan em algum lugar, evocando a origem latina da palavra. Talvez tenha a ver com o que se trata.

Não é uma separação com o marxismo como ideologia, muito menos como religião. Isso hoje para mim é bobagem. É com a produção de Marx mesmo. É com a relação *mágica* que tinha com os textos de Marx. É, portanto, uma separação mais profunda, pois essa relação *mágica* era *minha*. Uma relação que não foi e nem poderia ter sido inculcada por ninguém. Apenas registro para

me defender de uma loucura solitária, que existiram e existem ainda - cada vez menos, é verdade - condições históricas e sociais favoráveis a um tal tipo de relação com o marxismo.

Os trabalhos que apresento em substituição à tese, de certa forma, denotam uma consciência inconsciente que tinha dessa separação. No entanto, apenas no último, que é a introdução àqueles textos, essa consciência inconsciente se tornou uma consciência consciente.

Confesso que *se-parire* foi difícil. O tempo que eu reservara para escrever os últimos trabalhos ia se esgotando e escrever ficava cada dia mais pesado. E eu arranjanho desculpas de todas as ordens. Até que meu desejo se separou do dever, ou melhor, que o dever se transformou em dever *do desejo*, que veio substituir o desejo do(de) dever.

Em poucos dias escrevi aquela pequena introdução; esse memorial em dois. Tudo ainda muito comprimido, pois me restam apenas quatro dias úteis para fazer a inscrição no concurso. Devo-lhes algo melhor, talvez uma "tanguédia". Mas é o que pude fazer de melhor no momento.

Ainda considero a análise da mercadoria e as teorias que lhe correspondem, a teoria do valor, do fetichismo e da mais-valia, grandes sacadas.

Não conheço ainda teorias a esse respeito que tenham atingido, tão articulada e coerentemente, esses aspectos profundos da realidade em que vivemos. Mas a análise do fetichismo, por exemplo, está mais insinuada do que propriamente desenvolvida. De qualquer modo, como teorias, elas não têm nada de mágico, a não ser que transfiramos para elas a dimensão mágica que guardamos dentro de nós. E não será essa transferência algo que concerne precisamente ao fetichismo?